

Leitura da cidade: Rubem Fonseca e a violência urbana

Maria Salete Machado*

As cidades possuem signos, símbolos, representações que variam no tempo e no espaço.

A literatura tem sido testemunha das transformações ocorridas no espaço urbano em vários tempos históricos. Inúmeros são os escritores que retratam em suas obras temas relativos ao cotidiano dos habitantes das cidades⁽¹⁾.

No Brasil, desde o século passado e, fundamentalmente, a partir da independência, já se dispunha de uma literatura urbana própria⁽²⁾. Contudo, é nesse século, com o movimento modernista e, precisamente após o acelerado processo urbano industrial da metade do século, que prolifera a literatura sobre a cidade.

Da Paulicéia Desvairada, de Mário de Andrade, onde pela primeira vez na literatura brasileira a metrópole aparece como protagonista⁽³⁾, até os anos recentes, várias são as obras literárias de conteúdo citadino.

A lista de contistas e romancistas é enorme. Os temas são múltiplos, heterogêneos, reveladores da maior complexidade urbana atual.

Nos últimos anos um dos temas representativos da cena urbana é a violência. Deparamo-nos cotidianamente com as mais diversas formas de violência, desde as mais camufladas até as ameaças constantes de sermos agredidos moral e fisicamente, sujeitos a roubos e assaltos, quando não nos defrontamos com o crime organizado.

Distante está o tempo em que podíamos andar despreocupados pelas ruas da cidade contemplando e admirando os seus signos, as suas novidades.

... Para o perfeito flaneur é um prazer imenso decidir morar na massa, no ondulante... Estar fora de casa, e, no entanto, se sentir em casa, em toda parte; ver o mundo, estar no centro do mundo; tais são alguns dos menores prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais (1) que a língua só pode definir inabilmente(4).

Hoje, andar nas ruas da cidade tornou-se uma aventura perigosa. Somos acotovelados, empurrados de um lado para o outro, além do constante clima de

* Professora do Departamento de Sociologia da UnB
(1) Ver sobre o assunto, por exemplo, BENJAMIN, Walter, "Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo". In: Obras Escolhidas III, São Paulo: Brasiliense, 1991.
(2) Ver BOLLE, Will. "A cidade sem nenhum caráter — Leitura da Paulicéia Desvairada de Mário de Andrade." In: Revista Espaço e Debates, n° 27, São Paulo: NERU, 1989.
(3) Idem.
(4) BAUDELAIRE, Charles. L'art romantique. apud BENJAMIN, Walter, op. cit., pp. 64-5.

tensão e insegurança. O medo tornou-se o componente da personalidade urbana atual.

Entre os escritores da literatura brasileira contemporânea, Rubem Fonseca tem se destacado por abordar esta desordem, desagregação, ausência de valores definidos, crise social, sátira amarga, violência física e moral encontrada nas urbes brasileiras.

Romancista (*O Caso Morel, A Grande Arte, Bufo & Spallanzani, Vastas Emoções e Pensamentos Imperfeitos*), roteirista de cinema (*A Grande Arte*) e contista (*Os Prisioneiros, A Coleira do Cão, Lúcia MaCartney, Feliz Ano Novo, O Cobrador*), "Rubem Fonseca desdobra as múltiplas facetas da nossa própria realidade: a necessidade de ética pessoal numa sociedade à beira de uma barbárie"⁽⁵⁾.

No conto "O Cobrador", através de uma "história breve de enredo simples e linear, com forte concentração de ação, tempo e espaço"⁽⁶⁾, transmite-se ao leitor algumas das múltiplas faces da violência.

O Cobrador, personagem principal, é a imagem representativa da cara de milhares de brasileiros despossuídos e carentes de direitos sociais, de bens de consumo coletivo e de afeto, que se sentem rejeitados socialmente.

... Um casal passa por mim e me olha com pena; eu também sinto pena de mim, manco e sinto dor na perna⁽⁷⁾.

Este sentimento de inferioridade, causado pelas precárias condições sociais a que se encontra submetido, é reforçado no dia-a-dia pelo olhar do outro, do pedestre que passa e que lhe confere o seu desprezo.

O Cobrador sente-se renegado nos seus direitos e deposita no outro, naquele que possui direitos, toda a carga de uma agressividade reprimida. Todos lhe devem alguma coisa:

A rua cheia de gente. Digo, dentro da minha cabeça, e às vezes para fora, está todo mundo me devendo⁽⁸⁾.

Rubem Fonseca, numa linguagem simples, clara, objetiva e direta, apresenta ao leitor, na figura do Cobrador, o imaginário de um grupo social:

Tão me devendo colégio, namorada, aparelho de som, respeito, sanduíche de mortadela no Botequim da rua Vieira Fazenda, sorvete, bola de futebol⁽⁹⁾.

(5) Ver comentários em FONSECA, Rubem. *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

(6) *Revista Comunicação*, nº 5, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

(7) FONSECA, Rubem. *O cobrador*. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p. 15.

(8) *Idem*, *ibidem*, p. 14.

(9) *Idem*, *ibidem*, p. 16.

A auto-imagem do protagonista aparece construída a partir da forte separação entre "ricos" e "pobres" na sociedade altamente hierarquizada. O acesso aos direitos sociais está restrito a determinados grupos, deixando à margem uma maioria de excluídos. O sentimento de exclusão é vivido diariamente, ainda que o Cobrador continue sonhando e desejando afeto (namorada), objetos de consumo (aparelho de som), educação (colégio), dentre outros direitos.

Mas "as inibições, carência de afeição, repressões, fracassos sofridos por um grupo acumulam nele cargas de rancor, suscetíveis de explodir um dia"⁽¹⁰⁾. No desenrolar do conto, o Cobrador vai se transformando cada vez mais no bandido rancoroso e cruel que cobra do mundo uma impagável dívida social, deixando de sonhar com melhores dias:

Eu não pago mais nada, cansei de pagar! Gritei para ele, agora eu só cobro(11).

O Cobrador possui uma agressividade originada de uma frustração social:

"Ódio dentistas, comerciantes, advogados, funcionários, médicos, industriais, executivos, essa canalha inteira. Todos eles estão me devendo muito(12).

O seu ódio é dirigido a todos aqueles que possuem aquilo que é objeto do seu desejo: uma profissão digna, prestígio, reconhecimento, respeito e identidade social.

O seu referencial de identidade está no outro, naquele que se diferencia dele. O seu desejo é ser como o outro e não o de se assemelhar com os seus pares, já que estes possuem tudo aquilo que ele recusa em si próprio: desamparo, fracasso, ausências:

Leio os jornais para saber o que eles estão comendo, bebendo, fazendo. Quero viver muito para ter tempo de matar todos eles(13).

"Quando não se tem dinheiro é bom ter músculo e ódio"⁽¹⁴⁾, para eliminar o outro.

No imaginário do Cobrador, o crime aparece como ritual de passagem de uma situação de submissão e anonimato para a do herói, aquele que faz tanto

(10) DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 28.

(11) FONSECA, Rubem. *O cobrador*, p. 14.

(12) *Idem*, *ibidem*, p. 13.

(13) *Idem*, *ibidem*, p. 18.

(14) *Idem*, *ibidem*, p. 18.

que entre os outros há notícias dele. A moral é machista, valorizando-se os atributos da virilidade, coragem e ousadia. Ao ler o jornal para saber se foi noticiado o crime cometido, ele deixa de ser um indivíduo isolado e menosprezado para se tornar o bandido público:

Explodirei as pessoas, adquirirei prestígio(15)

Rubem Fonseca apresenta ao leitor o novo ethos da barbárie social urbana, onde valores como a solidariedade deixam de existir. A criminalidade, o assassinato, tornam-se signos de prestígio, numa lógica perversa e cruel — a cultura da violência.

Quando satisfaço o meu ódio sou possuído por uma sensação de vitória, de euforia que me dá vontade de dançar..."(16)
"Sou o Cobrador! grito..."(17)

(15) *Idem, ibidem, p. 28.*

(16) *Idem, ibidem, p. 23.*

(17) *Idem, ibidem, p. 23.*